

APRENDENDO COM EXUS E POMBAGIRAS: CRIANÇAS DE TERREIRO NA QUIMBANDA

GABRIEL GONÇALVES GARCIA¹; LUIZA SILVEIRA DA SILVA;² RITA DE CASSIA TAVARES MEDEIROS³

¹UFPEL – *luizagremista04@gmail.com*

²UFPEL – *gabrielgoncalvesgarcia3@gmail.com*

³UFPEL – *redefreinet@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto do projeto unificado intitulado “Omo Kekere - Culturas Infantis de Terreiro: experiências e narrativas de crianças pequenas vivenciadoras de tradições de matriz africana”, está inserido na grande área das Ciências Humanas, com interfaces no campo da educação e da saúde, e compõe as atividades do “Núcleo de Estudos e Pesquisas E'LÉKÒ: Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas e Descoloniais”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, e ao Curso de Psicologia da UFRGS e de Pedagogia da UFPEL. É realizado em parceria com a Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde (RENAFRO), por meio do projeto “Primeira Infância no Centro: Enfrentamento do racismo como garantia do pleno desenvolvimento infantil”, coordenado pelo Geledés - Instituto da Mulher Negra, em parceria com Porticus Latin America, Instituição que atua no enfrentamento às desigualdades e no apoio de grupos vulnerabilizados na América Latina.

O projeto tem como um dos seus propósitos se desdobrar em outros subprojetos que são desenvolvidos em parceria com lideranças de terreiro e das comunidades envolvidas. Esses subprojetos são articulados com o projeto maior do ponto de vista teórico e metodológico. Ele se justifica pela necessidade de problematizações, reflexões e produções teórico-práticas tendo como centralidade crianças de terreiro, pretas e periféricas; a insurgência de epistemologia e metodologias pretas no campo dos estudos sobre primeira infância; a enunciação de uma cultura infantil de terreiro; e a compreensão sobre os efeitos do racismo.

Santiago e Faria (2016) tensionam as relações racistas na escola de educação infantil e demonstram o quanto a escola vem se constituído num lugar que tem como tarefa profícua subalternizar a criança negra, desde a tenra idade, engendrando padrões de comportamento, vistos pela sociedade branca como revoltas, rebeldias e maus comportamentos escolares. Podemos inferir dessa situação o agravamento da intolerância religiosa e o agravamento do epistemicídio flagrado em currículos escolares hegemonicamente brancos, cristãos, pentecostais e avessos aos corpos-sujeitos-infantis dissidentes das narrativas permeadas pela branquitude. Essa perpetuação tem representado a invisibilidade do racismo praticado e impõe sobre crianças pequenas negras, principalmente as bem pequenas, uma vida escolar de intenso sofrimento mental e psicológico, o autor e a autora apontam com urgência a necessidade de uma agenda específica de práticas pedagógicas antirracistas na primeira infância. Nesse contexto, os terreiros aparecem como espaços de proteção e de fortalecimento para a luta antirracista na sociedade e também na escola.

A umbanda e seus ritos quimbandeiros é paradoxal, híbrida e ponto de resistência do povo que teve sua história dilacerada e seus cotidianos rasgados na saga das diversas violências produzidas na colonização; a afirmação de Sueli Carneiro “de que a coroa portuguesa pretendia construir uma Europa nos trópicos” e de que “este projeto nos excluiria como gentes” (2024, 32min) reforça o impulso gigantesco que as tradições de matriz afrodiáspórica representaram na oposição ao regime colonial escravocrata. Diante das frestas e tremores teóricos acerca de exu, optamos por erguer e recortar uma encruzilhada do projeto, especificamente a relação entre as crianças de dois terreiros e os exus quimbandeiros, porque nos saltaram aos olhos, nestes territórios: a alta circulação de crianças nos espaços ritualísticos, a interação entre crianças, pombagiras e exus; a resolução de problemas infantis pelas entidades do povo da rua. Para compreender, analisar e interpretar esses elementos detivemos nossas narrativas em duas festas: Pombagira Maria Mulambo e Pomba Gira Maria Padilha. Que narrativas das culturas infantis foram percebidas?

2. METODOLOGIA

Nossa pesquisa tem nos atravessado de muitas maneiras nas muitas descobertas que fomos fazendo. Quando ainda estávamos, em 2022, bem no início dos trabalhos de campo, estivemos com as lideranças de terreiro construindo uma agenda de visitas e dialogando sobre o padrão ético de pesquisas com crianças e pesquisas com infâncias de terreiro. Uma investida dentro dos ritos, embora não faça parte de nossas questões centrais, requer uma ginga própria, uma dança na percepção ampliada e ao mesmo tempo recortada da experiência vivida pelas crianças pequenas no território consagrado, num percurso metodológico de gira-mapa:

Assumimos a ideia de que as certezas reunidas na construção de uma pesquisa que se proponha a gira-mapa precisam estar abertas às incertezas, aos acontecimentos, à imprevisibilidade, às emergências criativas, aos imaginários produzidos e vividos na caminhada. No caso de pesquisas com crianças pequenas de terreiro, essa gira-mapa precisa ainda ser potencializada pelo efeito lúdico, brincante das infâncias do corpo. O desafio é rodar, girar de modo espiralar as grafias que conectam passado-presente-futuro na perspectiva de formar um mapa das experiências que inscrevem na comunidade tradicional de matriz africana culturas infantis de terreiro. (Alves & Medeiros, 2022, p.119)

Foi nos primeiros diários de campo da pesquisa que fomos tragadas pela infância exulícaca (Souza, 2016), expandida nas terreiras de dois territórios nos quais a presença massiva de crianças nos arrebatou, arregalando nossos olhares, perfumando o nosso paladar produzindo grandes questões inesperadas. Ao mesmo tempo, alguns corpos-sujeitos-pesquisadores vivenciaram suas primeiras inserções no trabalho de campo num terreiro de exus e pombagiras, o que na compreensão de Noguera (2021) seria uma experiência de infanciamento, porque se trata de uma visceral primeira vez.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A umbanda e seus ritos quimbandeiros é paradoxal, híbrida e ponto de resistência do povo que teve sua história dilacerada e seus cotidianos rasgados na

saga das diversas violências produzidas na colonização; a afirmação de Sueli Carneiro “de que a coroa portuguesa pretendia construir uma Europa nos trópicos” e de que “este projeto nos excluiria como gentes” (2024, 32min) reforça o impulso gigantesco que as tradições de matriz afrodescendente representaram na oposição ao regime colonial escravocrata.

Os terreiros, como territórios afrodescendentes construtores de outras formas de viver e fioadores da resistência de povos africanos, tal como nos ensina Sodré (2017; 2002), permitem a integridade e a aproximação entre o povo da rua e as crianças, as festas, sobretudo, trazem a sociabilidade entre mundos que se encontram e se deixam infiltrar por todas as inaugurações que as infâncias nos permitem e nos permitirem no âmbito da pesquisa.

[...] outros meninos que mexiam no celular foram para a entrada brincar, próximos a mim. O momento era de silêncio para que as entidades fossem serenando e o acolhimento começasse. Nisso, um dos guris começa a fazer polichinelo, contando alto, batendo os pés no chão com força e as palmas altas. Minha primeira reação interna foi: cadê? quem vai dar uma bronca nessa criança? Em seguida me lembrei que nessa casa dificilmente as crianças são chamadas a atenção por serem só crianças, por brincarem como crianças. A presença e o comportamento delas não interferem, nem atrapalham o andamento do ritual. A presença delas, inclusive, faz parte da vivência (Diário de campo 21 de julho de 2023).

As dinâmicas presentes nessas narrativas da Festa da Pomba Gira Maria Padilha fortalecem nossas aprendizagens sobre as culturas infantis de terreiro, há de fato, uma permeabilidade entre o que acontece no culto e o que é permitido às crianças, dentro do culto. Por vezes, estar no terreiro é como estar num estado de liminaridade entre o brincar e o praticar o culto.

Há sete crianças brincando na parte da frente do endereço da terreira. Ali se encontra a casa da cacica Telinha. A casa está fechada, mas há uma forte iluminação na rua, o que lhes permite chegar até a frente, usar a gruta da mãe iemanjá como congá e começar a gira. Dentre essas crianças encontramos duas que pertencem à corrente, mas se deslocaram para a rua a fim de brincarem . Estavam em círculo entoando cantos e “recebendo” exus e pomba giras. Depois chegou um menino com um pedaço de borracha, começou a correr atrás de todos e a terreira virou o brinquedo de pega-pega. Na geografia do terreiro, há que sair do espaço físico da gira para chegar até a casa vermelha dos exus, lá na frente, na entrada. Num recanto dos fundos do território há um assentamento de exus da casa, onde são realizados cortes de aves e quatro pés Como havia muitas crianças na rua, dormindo, correndo e agitando, enquanto, lá dentro rolava a festa da Maria Mulambo estava um agito. Crianças brincando de pegar e correndo enquanto vários exus e pombagiras cumprimentavam a tronqueira, nesse vai-e-vem, duas crianças caíram numa pequena calçada com um grande desnível. “algumas batidinhas nas mãos e nos joelhos pra curar os esfolados” e prosseguem as brincadeiras”. A preferida é correr sem pausa. Houve momentos em que eu pensei “daqui a pouco alguém vai atirar um exu no chão”. Mas, para minha surpresa, as crianças brincavam enlouquecidamente como se estivessem num outro espaço-tempo... sem temer ao povo de exu que circulava, também, pelo pátio.(diário decampo, 27 de agosto de 2023)

As evidências dessa correria denotam o quanto as infâncias e suas impermanências corroem e repinicam a adulterez que nos constrói, quando consideramos suas brincadeiras como lugar de reconhecimento (Sarmento,2011). Mesmo o território consagrado estando imerso numa terreira de exu, com todos os

rituais acontecendo, as crianças teimam em existir freneticamente, inauguram outras existências e modos de viver suas criancices entre pessoas adultas! Essa dimensão é trazida por Nogueira (2021), na ancoragem que faz entre crianças e pessoas adultas em estado de infância. Não seria o terreiro um desses lugares matriciais de produção das infâncias?

4. CONCLUSÕES

Leda Martins (2021) e Nêgo Bispo (2020) em estudos diferentes, indicam a espiralidade e a circularidade como fundamento da vida, nossos corpos não perderam o gosto de vivenciar os ritmos, os movimentos, as cores e isso fica presente na narrativa acima, pois não há um modo único de performar no terreiro e as crianças confirmam isso. Talvez possamos dizer que as crianças existem em espirais contínuos na luta que travam com a linha reta das normas e instituições da colonialidade que insistem e persistem em corroer as crianças de terreiro. Nas escolas infantis e mesmo no ensino fundamental os currículos ainda não compreendem o tempo espiralar em que vivem as crianças de terreiro e em momentos históricos adversos, de extrema intolerância, a experiência do terreiro sobrevive de forma submersa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. C.; MEDEIROS, R. (Org.). **Culturas infantis de terreiro: agenciando memórias, histórias e narrativas**. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022

CASA SUELI CARNEIRO. Uma conversa intensa e íntima sobre racismo à brasileira com Sueli Carneiro. Maio de 2025. Disponível em casasuelicarneiro.org.br.

MARTINS, L. **Performances do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Corrobogó, 2021.

NOGUEIRA, R; ALVES, L.P. Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, 17, 48, p. 533-554.

SANTIAGO F.& FARIA, A. L.G.de. (2015). Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. **Revista Educação e Fronteiras**[on-line], 5(13), 90-104. Recuperado em:http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/5184/pdf_301

SANTOS, Antônio Bispo dos, “Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos”, */indisciplinar*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 52–69, 2020. DOI: 10.35699/2525-3263.2020.26241.

Disponível <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/26241>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SARMENTO, M. J. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In AJ Martins Filho & PD Prado (orgs), **Das Pesquisas com Crianças à Complexidade da Infância**, 26-60, São Paulo, Autores Associados, 2011.